



**VIDA**  
**MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**  
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES  
ANO I - N.º 43 - PREÇO: 1 ESCUDO - LISBOA, 12 DE MARÇO DE 1942

O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO, acompanhado pelo comandante do destacamento, passa revista às tropas que, na segunda-feira passada, embarcaram para Moçambique.

# CADA DA GLORIA

## SINFONIA DE ABERTURA

**J**OAO do Rio, formoso espirito que nunca se esquece, fez um dia uma conferência sobre a mentira. Em determinada altura ele peçoio pergunta-tou à sua consciência e à sua erudição: — Através das épocas, que encontramos nós? Através dos homens, o que é que nós vemos? — A resposta não demorou. Através das épocas não encontramos afinal mais do que ilusão, quimera — mentira; através dos homens o que se nos depara não passa de vaidade, ambição, egoísmo — mentira sempre. Em pura verdade, a vida constitui socialmente uma série de mentiras mais ou menos convencionais. Caminhamos de ilusão em ilusão, de engano em engano. Construímos sistemas sobre pés de barro. Erguemos figuras enchendo-as de ar quente. Quixote e Tartarim perderão como autênticos símbolos históricos. Razão tinha o padre Antônio Vieira, ao afirmar do alto da sua loba negra: «No arco da velha não há cores mas enganos corados, ilusões da vistas. Quere dizer: nem o céu escapa. Na impossibilidade de vencerem a mentira ou, antes, para a vencer com êxito o melhor ainda é, como diria o filósofo, adaptarmo-nos a ela.

## MANUEL RIBEIRO E A LITERATURA

**A**O ler o romance «Sarça Ardente», de Manuel Ribeiro, volume agora publicado e que se segue, página e página, com visível interesse, recordei-me dumta tarde em que, na livraria Guimarães me encontrei com o autor de «O Deserto» e em que ele me disse, ao perguntar-lhe o que pensava da literatura:

— Convença-se disto, meu amigo: a literatura é a mais absorvente de todas as mulheres. A mulher, na quasi totalidade dos casos, abandona o homem quando éste morre. A literatura acompanha o ainda para além da morte e, muitas vezes, continua fecundamente a dar-lhe filhos como se elle fosse vivo. Esses filhos são os livros póstumos. Manuel Ribeiro não se enganava.

## A HISTÓRIA DO MUNDO

**S**ILVA Tavares que almoça, lancha, janta e soneha com as Musas, deu-nos agora um pequenino livro de quadras que elle intitulou *Cantigas de Mal-Dizer*, como o teria feito um poeta do tempo de D. Diniz. Transcrevo uma quadra em que se resume a história do Mundo:

Fêz-se a treva... Adão reagiu  
E pouco mais ocorreu:  
— Só a indústria progrediu  
E a maçã — encareceu!

## BOLAS DE NAFTALINA

**C**ONTA-SE que uma tarde Henri-que Roldão entrou na Drograria Quintãs e pediu que lhe vendessem 10 quilões de bolas de naftalina. O empregado pesou os dez quilões, mas não se conteve que não commentasse a venda.

— Muita traça deve ter o senhor em sua casa!  
Logo Roldão:  
— Tenho. Mas não é só isso. Falha-me muito a pontaria. As vezes atiro dez e vinte bolas sem conseguir acertar num diabo daquelas...

## ARTE E MANHA



A ALMADA NEGREIROS

Almada, grande Almada, quão semelhante  
Acho teu fôdo ao meu, quando os cojeio!  
Igual causei nos fêz, igual desejo,  
Amor essa mulher estrovoagante!

Como tu, junto ao Tejo sussurrante,  
De amor cruel no horror me vejo,  
Como tu, gostos vãos, que eu antevio,  
Também carpindo estou por essa amante...

D. Juan como tu de Arte pura  
Meu fim demando ao céu, pela tristura  
De não conseguir impor a minha trova,

Contrário meu tu és... Mas — deventura! —  
Se te imito nos lances da bravura,  
Não te imito nos deus da Arte-Nova!

RESSANO GARCIA

## A BOTA

**R**EPRESENTAVA-SE no Teatro Avenida a mágica Bota do Diabo. A prefe foi heróicamente pateada na primeira. O autor, triste e cabalho, meteu-se no camarim do audioso artista Alfredo de Carvalho e disse-lhe, visivelmente contrariado:

— Estava longe de supor uma coisa destas!  
— Não te admires... commento o actor — Tu já viste uma bota sem tacão!

## PIANISTAS

**N**UM serão familiar, uma senhora tocava, há uns bons quinquenta minutos, várias composições ao piano. Os assistentes estavam já razoavelmente macoados. A certa altura, o filho da dona da casa accorreu-se da executante. Esta, lisongead, perguntou-lhe:

— Gostavas de saber tocar?  
Logo o miúdo — seis anos ladinos — respondeu:  
— Eu gostava. E a senhora?

## RECEITA PARA CURAR PAIXÕES

**Z**ECO, risinho colaborador artistico desta página, recebeu há dias uma carta — papel azul, letra de mulher — na qual lhe era enviada uma receita para curar paixões. Vou reproduzi-la, convencido de que presto um serviço publico:

Dois gramas de desespero.  
Uma boa colher de tempo.  
Um litro de água de consideração.  
Junta-se tudo com açúcar do esquecimento, metese com uma colher de melancolia e despeja-se num garrafão tapado com a rolha da inocência. Toma-se uma colher de hora a hora marcada no relógio do desengano.  
Afirma-se que a cura é certa.

## HUMORISTAS

**P**REGUNTARAM-NOS há dias se o Grupo dos Humoristas Portuguezes tinha emudecido. Não pertencemos à sua direcção para poderemos responder, mas alguma-se-nos que o humorismo, embora doloroso, que lava pelo mundo, não deixa espaço para qualquer outro.

## GIBRALTA

**G**IBRALTA tomou, como é natural, uma fisionomia de fortaleza militar, considerada inexpugnável.

— Os ingleses tudo sacrificaram aos fins de guerra. — diz-me há dias um súbdito de Sua Magestade Britânica — Até superminar o campo de golfis...  
De factum esta dito tudol!

## POESIA

**J**OAO Maria Ferreira acaba de me enviar o seu último livro. Trata-se dum livro de quadras a que elle deu o nome *Da Jancia do meu quarto*. Lê-se com singeleza. A páginas 36 encontro, porém, esta quadra:

Ergo-me cedo, e agora,  
Vou partir, deixo o Geréz,  
Na serra passeia a aurora  
Virei à serra outra vez!

Será possível que o nosso amigo João Maria Ferreira, tendo ido uma vez à serra, volte a ir lá pela segunda vez? Oh! a ingenuidade dos poetas!

## TESTAMENTOS

**S**AIU agora um volume intitulado *O meu último livro de notas escrito pelo falecido notário de Lisboa António Tavares de Carvalho*. Este livro não deixa de ter a sua curiosidade. Há, entretanto, um episodio que se atribue ao conhecido notário — que não está incluído no seu livro — mas que não deixa de ser oportuno referir:

Uma occasião entrou-lhe no cartório um homem que desejava fazer testamento.

— Perfeitamente — disse Tavares de Carvalho.

— Mas quero um testamento tão claro que não possa, mais tarde, dar lugar a divergência e discussões.  
— exclamou, sorrindo, o notário. — Deus, e Deus, fez o Velho Testamento e veja lá as discussões que tem dado!

*Luís Schweitzer*



*Figuras da Vida*  
**MUNDIAL**

O GENERALÍSSIMO FRANCO, chefe do Estado espanhol, obreiro da reconstrução do país vizinho e grande figura em evidência na política europeia, numa caricatura de Cândido Costa Pinto.

Vida  
**MUNDIAL**  
 da Ilustração

# panorama internacional

por Francisco Velloso

S aspectos da situação internacional, assim avaliada em nota, mais acentuadas na impressão geral, Linhares, que já prenunciava, de uma modificação progressiva nas posições dos beligerantes. Os termos da equação ainda não se alteraram e não estão ainda longe de se movimentarem a pontos de se produzir apreciável transformação. Há no entanto sinais que já induzem a crer que em, além da já falada ofensiva alemã da primavera e do também falado ataque germânico sobre o Mediterrâneo, o quadro vastíssimo da guerra pode não vir a ser o que alguns esperavam.

O "BOTA DE ELÁSTICO"

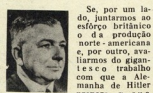
Numa comunicação emitida pela Broadcasting e publicada no órgão desta, *The Atlantic*, poucos dias antes da crise ministerial que o levou ao Gabinete, Stafford Cripps perguntou: *Demos tudo o que podemos?* E lembrava aos compatriotas que o escutam em suas casas, no calor de um fogão e de cabeças protegidas do frio, quantos sacrifícios passava e sofre o povo russo, dando tudo para a guerra e para o conforto do exército, incluindo o vestuário e a parte dispensável dum parco alimentação. Dias depois, era ainda mais incisivo ao dirigir-se pessoalmente nos operários ngêses, estimulando-os com o exemplo dos seus camaradas russos, quando uma missão d'écite, a qual pertencera a famosa Nicoláevna, percorria as fábricas britânicas de guerra com o mesmo fim.

E no seu já célebre discurso nos Comuns, não hesitou Cripps em convidar a Câmara a acompanhá-lo nos funerais do Coronel Blimp, o chamado *bota-de-elástico*, eue não deixa saudades a ninguém como personagem caricatural que era, simbolizando as ideias antiquadas... Defendendo por inconstância o prestígio que adém, sobretudo neste momento, do supérfluo dependência perante os partidos e da sua audácia em exprobar as classes ricas e repositadas, (atitudes que lhe valeram, talvez erradamente, o epíteto de esquerdista, e por isso mesmo, as simpatias operárias ao *homem que esteve na Rússia*), parece que Cripps tem sido ouvido com êxito. Depois do discurso de Stafford, a persuasão de Beaverbrook, a persuasão de

Não falseia êle a realidade, No recente e interessante livro.

recém-aparecido em Londres, de Alexandre Werth, intitulado *Moscovo, 41*, narra o autor que no regressar dum visita à frente sul, durante a ofensiva alemã, ao pararem uma noite num *zoochok*, ou granja agrícola do governo, o capitão Lebedev, antigo professor no liceu em Karkov, que o acompanhava, lhe observava: «Não serve de nada dizer que tudo corre bem. Temos necessidade de auxílios, de muito auxílio para levar isto a bom termo. E acrescentou: «Nesta guerra ninguém se bate a rir. Diga isto! Diga isto! Há semanas que esperamos em Moscovo essa missão económica. Quando chegará ela?». Eram os meus dias. O levantamento popular fundira-se no exército como em 1812, mas com a técnica moderna e um corpo de oficiais superiores cheio de moralidade e saber.

A MOLA REAL



ALEXANDER

Se, por um lado, juntarmos ao esforço britânico o da produção norte-americana, e, por outro, avaliarmos o gigantesco trabalho com que a Alemanha de Hitler prepara a sua acção, talvez próxima, não teremos dificuldade em compreender quanto vale neste momento a actividade da esquadra de Raeder e do Almirantado inglês. Ao findar de Fevereiro, dizia-se oficialmente em Londres que nas últimas dez semanas as perdas da navegação britânica haviam diminuído no Atlântico, tendo aumentado apenas no Oriente e nas costas leste e nordeste da América.

No entanto, o Primeiro Lord Almirantado, Alexander, no largo e minucioso relato que fez aos Comuns a 26, marcava para o ano corrente o período mais perigoso da crise marítima inglesa e norte-americana. E focando a situação actual, afirmou: «Os submarinos inimigos, como sempre, têm mostrado e continuam a mostrar a maior pericla nas suas operações e grande flexibilidade nas suas tácticas. Têm tentado operar, em todo o Atlântico, na área de Gibraltar e Mediterrâneo. Apesar disso e de o número total de navios combalados ter aumentado muito, as perdas em «combóios» mantêm-se abaixo de 0,5 por cento. A perspectiva da rápida melhoria que eu descrevi foi ensonada pela entrada do Japão na guerra. Com a sua grande frota de submarinos e as suas poderosas forças aéreas instruídas para operar contra navios, tornou-se claro que seriam criadas novas e grandes zonas de perigo para a navegação aliada. As perdas sofridas no Extremo Orient-

te e Pacifico, até agora, têm sido consideráveis. Alexander contou com novas surtidas de corsários alemães e japoneses, confiando nas intervenções da aviação de longo curso contra êles, a apoiar a esquadra; accentuou a seriedade da situação no Oriente, que, a seu ver, diminuirá à medida que o poder anglo-americano se refaça no Pacifico, e explicando os afundamentos do *Repulse* e do *Príncipe de Gules* pela perplexidade causada pelo anúncio de um ataque nipónico súbito a Singapura. É de notar que, apesar de tudo, as três unidades de guerra alemãs que passaram a Manchua, estão aviariadas em Kiel e Wilhelmshaven. Com este pesado passivo, Alexander não deixou de opor o esforço colossal das esquadras na protecção sucessivamente mais eficaz dos combóios a qual, com sensível diminuição das fortes perdas sofridas até Abril, melhorou em seguida, devido ao auxílio da América, à organização das escoltas à experiência de equipagens, à aviação de patrulha contra os submarinos, ao armamento anti-aéreo dos navios, factores êstes que permitiram reunir nos últimos tempos os ataques em massa dos submarinos alemães cuja mobilidade de táctica é perigosíssima.

Como se sabe a guerra já destruiu entre 13 a 14 milhões de toneladas nas frota mercantes de todo o mundo, ignorando se como ao fim da guerra tamanho desfalece que se há de surpir (8.600.000 toneladas para as frota britânicas e neutras, 5 a 6.000.000 para a marinha mercante do Eixo) mesmo contando com a estendida produção dos Estados Unidos, de 15 milhões no ano corrente e em 1943, ao ritmo, já iniciado nos estaleiros, de duas unidades por dia.

E, para se ver a grãeza do esforço actual, repare-se em que, segundo notícias de Estambul no dia 4, através da Pérsia, estavam a ser enviadas enormes quantidades de material de guerra para a Rússia, fornecidos pelos Estados Unidos e o Grã-Bretanha e que nos últimos tempos foram construídas novas e importantes estradas através da Pérsia.

É este o cordão umbilical da Inglaterra e o digno dos Aliados. Lloyd George, o secretário principal do Ministério da Alimentação inglês, faz notar no dia 3 nos Comuns, que em Dezembro de 41, havia mais 30 por cento de abastecimentos no país do que no ano anterior, podendo garantir, por exemplo, a alimentação das crianças e dos cantos de trabalho, mais que assim não fora no primeiro trimestre do ano, devido a três factores que explicou:

«O afundamento de navios pelos ataques alemães a embarcações de alimentos devido ao afundamento das nossas unidades nunca se fizesse sentir grandemente; a

redução da capacidade de transporte da marinha mercante britânica, que foi a mais séria; a demora das viagens devido ao mau tempo e aos carregamentos nocturnos, em longas noites de extinção total de luzes. Todavia, o factor mais importante foi a dispersão de navios do serviço de transportes de géneros para o apoio às operações militares».

O GRITO DE JAVA



YAMASHITA

Foi neste ambiente geral que a situação internacional apresentou indícios no Arho com as últimas oitavas. É, por exemplo, inegável que a força norte-americana começa a firmar-se muito melhor no Pacifico. A defesa assombrosa do núcleo de Mac Arthur nas Filipinas, ao dizar de alguém autorizado, vale dois Tobruks, os reforços levados à Austrália e às Indias Holandesas, o ataque à ilha de Wake ocupada pelos japoneses, o bom êxito retumbante da esquadra nas ilhas Gilbert contra os bombardeiros suicidas do Japão, o cuidado que êste vai dando com as operações de arquipélago e a enorme e arriscadíssima dispersão das suas forças expedicionárias, mostram nas coisas do Pacifico um cariz que elas não tinham ainda há dois e três meses — vistas sem o menor optimismo porque a crise está muito longe do seu termo. Ao arrojado bombardeamento das costas da Califórnia, por um submarino japonês que pareceu responder ao mais aguerrido dos discursos de Roosevelt, a 24, promettendo para breve a desforça em bruto, e mostrando que as perdas em Pearl Harbor foram muitíssimo menores do que se anunciava, replicava Knox, a 25, prometendo a acção imediata de esquadra do almirante King. E vê-se que o cumpriu. Este último decalrava no dia 3, em Washington, que desenvolveria há uma ofensiva vagarosa mas firme e crescente, fazendo tudo para prejudicar o inimigo enquanto não pode ultimar a sua derrota. O general Marshall, de-certo referindo-se ao almirante do almirante quanto às linhas de comunicações que, evidentemente, estão a ser desenroladas com proficuidade, anunciou já há véspera: «Chegou agora o momento em que é forçoso levamos a guerra ao território inimigo, e não permitirmos a imobilização dos nossos meios de uma maior porção das nossas forças armadas e do nosso valioso material de guerra. Tudo isto tem indubitavelmente um novo som.

As esperanças sentiram-se já em Java, onde as brilhantíssimas tradições do soldado e do marinheiro holandês se revelaram sob o co-

# Brunilde Judice em "Minha mulher é um homem"

mando do general Van der Poorten e o governo de Van Kieffens. O grosso das expedições foi desfeito por ataque aero-navais cheios de bravura. Precipitadamente se escreveu que a queda de Singapura perante as tropas do marechal japonês Yamashita, era o domínio do sul. Opinamos em contrário que era precisamente depois dela que o nipão maior barragem toparia, se se metesse nos corredores do arquipélago, sem contar com que o inimigo aliado linha e terá de cada vez maior força. A prova disto já está à vista. Perderam os que jogaram no cavalo nipônico? Singapura não é a Austrália nem o Índico na mão.

## O FRONTEIRO DA INDIA

O facto de Wavell poder desprender-se do comando geral das forças da Índia (resumo aludido do bloco da América, Holanda e Austrália) no Oriente, e vir assumir o comando em chefe da Índia, pela dissolução do respectivo quartel-general, denota visivelmente uma mudança de quadrantes. Depois de Singapura capitular e do japonês ocupar Samatra e Bornéu e procurar aniquilar Java, a redistribuição de operações impunha-se. A Austrália autonomiza a própria defesa com o vice-almirante Leary e o general Bennet; os holandeses fazem o mesmo em Java com Van der Poorten; as forças aliadas intercooperam na defesa geral; Wavell vem enfrentar na Birmânia a defesa da Índia quando o nipão ataca para o norte na estrada de Manday — que está substituída por outra via de comunicações para a China — e para o sul sobre Rungun. Mais sinergia, mais resistência, mais artilharia. E de ter em conta esta observação do autorizado Masefield no *Sunday Times* em artigo muito importante e bem fundamentado que a Vinda Manday...

...do Japão durante estes dois meses de combate são de, pelo menos, 600 aeroplanos, dos quais 400 temos a confirmação de terem sido destruídos em acção. A produção japonesa poderá quando muito ter substituído metade deste número. Além disto, os esforços do inimigo estão largamente dissimulados — desde o Manchuco até à Nova Guiné, desde Burma e China até às ilhas do Pacífico. Os recursos japoneses são, pois, quasi tão restritos como os nossos e o atacante sofre sempre grandes perdas, não só em acção, mas também em accidentes. E quando a véia e admirável Rainha Guilhermina, exemplo para outros soberanos, saúda os seus bravos de Java por esbater que preferem ser esmagados a aceitar uma rendição, não devemos considerar que se trata só de palavras.

O programa de Wavell é, segundo a nota officiosa do gabinete Churchill, do dia 2, a responsabilidade das operações na Birmânia e a estreita cooperação com a China. O presidente do Congresso Indu Maulana Karam Azad, discursando no dia 1 em Calcutá sobre o perigo duma invasão, proclamou a necessidade de não se manifestar pânico. Disse que os índios devem compreender que não podem salvar-se eles próprios nem o país com o pânico e acrescentou: «Outros países há que não se preocupam com a forma de se morrer vindo a sua honra. Nós também desejaríamos morrer como eles.»

Nos fins de Fevereiro, declarava-se oficialmente a reforma constitucional da Índia, e que os preparativos militares estavam prontos. Restará marchar.

## DESENHO PARA O FUTURO



KING

Diante da ofensiva russa e diante destes factos no Pacifico e no Atlântico e o mo reagirá o Rizo? No dia 2, o *Manchester Guardian*, afirmava que a estratégia alemã na primavera incluía, de concerto com o Japão, um ataque por duas alas no Oriente, uma na Índia — a outra não o disse o órgão trabalhista, que apenas clamou pela defesa vital da linha Líbia-Egipto-Síria. Ora a outra ala, a da direita, já apareceu com a sua avançada no último dia do mês, quando telegramas de Tóquio informavam da nomeação de Sato para novo embaixador em Moscovo, substituindo o general Tetekava. Sato é um dos *profs* da amizade nipo-alem-italiana, e logo ao mesmo tempo, bem regida, a imprensa japonesa declarou que iam ser postos em bloco a Moscovo as reclamações sobre a ilha Sakalina, a pesca e os petróleos (notem-se bem estes últimos). Depois, desafortunadamente, o redactor diplomatico do órgão dos *metos industriais* (outro pormenor digno de nota), o *Chugai Shogyo*, afirmava rotundamente que se deve acompanhar a evolução das relações entre Tóquio e Moscovo com a maior atenção, *especialmente no momento em que a ofensiva alemã da Primavera contra a Rússia e o ataque americano vindo das bases nórdicas se apresentam para o Japão como as eventualidades mais próximas.*

O officio Nichi-Nichi rufava mais de rijo que chegue a hora de esmagar a intriga anglo-americana em Moscovo.

A parte final das expressões do primeiros destes dois jornais, mostram como não é desacerado tudo o quanto temos advertido sobre o risco maior do Japão, e tudo quanto acima observámos sobre as palavras do almirante King e do general Marshall, chefes da armada e do exército norte-americanos. Os marechais Blucher e Vorochilov devem estar a postos a estas horas na extrema Sibéria, enquanto o embaixador Sato vai tentar realizar em Moscovo a manobra de entreter que Namura desenvolveu em Washington, encobrindo o ataque nipônico no Pacifico, e enquanto Hitler tentará a sua ofensiva da primavera a leste e, ao mesmo tempo, se puder (que talvez não possa) ao Egipito e aos postos britânicos do Mediterraneo — durante o grave esforço que Alexander, como vimos, revelou ir recar só sobre a esquadra inglesa, sobretudo durante o primeiro semestre de 1942.

E é neste particular que reboam com especial eco o bombardeamento das fabricas Renault e Sévres em laboração matricular de guerra para os alemães, na cintura de Paris. Temos indicado aqui que o bloco aliado tem em Yichy, e quem diz Vichy diz a residência europeia, uma das suas maiores brechas.

Os incidentes mais recentes são a passagem de abastecimentos para as tropas de Roncel na Creança através da África francesa do norte, a deslocação do couraçado *Dunkerque* de Orão para Toulon, o caso da Marinha da Grécia — oficialmente publicada pela Comissão Nacional Francesa, em Londres, de que os Estados Unidos to-



Estreia-se amanhã no Teatro Avenida a comédia em três actos "Minha mulher é um homem" de Luis de Oliveira Guimarães e José Ribeiro dos Santos. Nesta peça, que está sendo aguardada com o mais vivo interesse, o papel da protagonista vai ser desempenhado, ao lado do illustre actor Alvaro da Costa, pela artista Brunilde Judice, a quem justamente se atribuem, em plena occidênci, as portas de ouro do triunfo. Papel escripto expressamente para ella, ella vai decerto ter na sua interpretação uma dos maiores criticões da sua carreira. A «Vida Mundial Ilustrada» ponde publicar antes da «première» o retrato de Brunilde, tal como ella se apresenta no 1.º acto da peça, o que constitua um verdadeiro «recoed» de veiosidade...

mam o compromisso da defesa da integridade de todos os territórios da França, do seu império e da eventual restauração da sua completa independência. O caso que serviu de base a esta última declaração (o primeiro documento norte-americano sobre as relações da Casa Branca com a França Livre) foi a posição geográfica da Nova Caledônia, ilha estratégica situada na linha de comunicações entre os Estados Unidos e a Austrália, e que certamente aqueles não dispensam. Cortaram já os Estados Unidos muitos fornecimen-

tos, entre os quais o carvão e as gasolinas e petróleos, que eram rotulados para a França mas seguiam para a Alemanha, attitude de natural e legitima desconfiança aliás mais que fundamentada. Sabese também — e aqui o frísamos — que retoma corpo a necessidade eventual de uma oportuna frente aliada no continente, cuja abertura teve outro dia uma experiência eloquente no *rafal* às costas francesas. Os canadianos de Mac Naughton assim pensam.

# HISTÓRIA DA 1ª GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Terrão \*

## continua // O controle alemão do mar

2

### WEYGAND NO COMANDO

M. Franz, os homens responsáveis não tiveram, a partir do dia 15 de Maio, dúvidas sobre a extensão do desastre. Por isso alguns deles se empenhavam em salvar o que ainda era possível salvar dada a derrocada que se consumara em sem horas. A sua primeira ideia foi substituir o general Jamelin. No dia 19, o general Weygand, que se encontrava a comandar o exército aliado que se encontrava na Sirlia, chegava a Paris de avião e no dia seguinte tomava conta das suas delicadas funções.



As quatro horas da tarde desse dia 20, o general Weygand procurou conhecer a situação exacta do grupo de exércitos do Norte, que tinha penetrado na Bélgica e se encontrava na iminência de ser sitiado, na companhia do exército belga e do corpo expedicionário britânico. O novo comandante em chefe dos exércitos aliados contava atravessar o Somme em Abbeville. Não a pôde lá fazer porque os alemães, avançando com uma rapidez fulminante em direcção ao mar, tinham ocupado sucessivamente Combray, Bapaume e Amiens, construindo uma testa de ponte na margem esquerda do rio. Depois descendo este, ao longo da sua margem, chegaram a Abbeville e os seus elementos ligeiros atingiram Amiens.

Qual era o significado verdadeiro desta manobra ousada em que tinham sido postos à prova todos os recursos inesperados com que o comando da

Wehrmacht se propunha aniquilar o moral do adversário? Os alemães tinham chegado, ao fim de onze dias de luta, ao mar. O grupo de exércitos do norte ficava totalmente isolado e, a menos que a brecha aberta entre ele e o resto do dispositivo aliado fosse preenchida com rapidez, sujeito a uma derrota inglória e a um aniquilamento irremediável. Seria apenas uma questão de tempo e de resistência das tropas isoladas entre o curso do Somme e o mar.

Essa brecha, aberta entre Bapaume e Cambresy tem apenas quarenta quilómetros. Mas todos os esforços feitos por Weygand para a reduzir se revelam impotentes. O comunicado alemão não esconde a alegria da vitória anunciando: «No ocidente obteve um êxito estratégico total, depois duma série de êxitos parciais, a grande batalha em curso».

### DUNKERQUE

Entre franceses, ingleses e belgas, isolados e operados contra o mar, breve começaram a mani-



Numa reunião do conselho de guerra dos aliados. Da esquerda para a direita: Churchill, General John Dill, General Campbell (actual embaixador britânico em Lisboa), Ailes e Reynaud à porta do Q. General.

festar-se os sintomas de dissociação. Entre 21 e 27 de Maio, os belgas continuaram a bater-se, mas sem esperança de salvar outra coisa que não fosse a honra do seu exército. No dia 27, ao meio dia, o rei Leopoldo III entregou ao comandante do corpo expedicionário britânico, general Gort, anunciando-lhe que se aproximava o momento em que as suas tropas, esgotadas pelo cansaço e dizimadas pelo ímpeto do ataque do inimigo, teriam de ceder. Entre a capitulação e a derrocada, o soberano era obrigado a escolher.

Encorajado por um oficial de ligação que lhe enviava o general Weygand, para o incitar à resistência, o soberano belga explicou-lhe as razões do seu pessimismo: «A resistência belga está no fim. Como uma corda que se parte com o uso, a frente em que nos defendemos está prestes a desmoronar-se». As cinco da tarde enviou um plenipotenciário para negociar a cessação das hostilidades. As quatro horas da manhã do dia seguinte o exército belga recebeu ordem para cessar logo e abandonar-se em condições.

Os ingleses fizeram saber que o seu corpo expedicionário recuará imediatamente para a me-



General Weygand

trópale. Era a condição essencial para que a resistência britânica pudesse continuar na sua ilha. O general Blanchard e o almirante Abrial receberam instruções para evitar que os alemães entrassem em Dunkerque, porto escolhido para se realizar aquela operação, enquanto se procedia ao desembarque. Este iniciou-se no dia 28 e prolongou-se até 4 de Junho. Vinte mil soldados ingleses e um número idêntico de franceses cobriam a retirada feita por uma estrada que estava sob o fogo dos canhões alemães, enquanto os bombardeiros da «Luftwaffe» atacavam inintermitentemente na terra e no mar. Os ingleses mobilizaram para salvar as suas tropas todos os barcos disponíveis, realizando uma proeza desconcertante e cujas consequências haviam de reflectir-se no curso da guerra. O material de fabricação inglesa perdeu-se todo. Mas salvaram-se mais de trezentos e cinquenta mil homens, entre os quais se contavam noventa mil franceses. O número de prisioneiros feitos no fim desta manobra foi alta e coroada de plena êxito era muito pequeno. A luta já tomara um novo curso.

### A BATALHA DE 5 DE JUNHO

A preocupação principal do general Weygand consistia em imaginar e aplicar uma tática apropriada aos novos métodos de guerra executados, com êxito tão reluzente, pelos chefes da Wehrmacht. O chefe do Estado-Maior de Foch, generoso das ideias luminosas do mestre, apercebera-se, desde o primeiro momento, do carácter particular do ataque alemão. «O inimigo — escrevia ele num dos seus relatórios daquela época — apóia-se por uma poderosa aviação de bombardeamento, procura submergir-nos na massa líquida e inatácável dos seus engenhos blindados. Os carros pesados são precedidos pelas divisões motorizadas que operam em frente estanca». A sua tática consistia em impedir o avanço dos carros pesados do inimigo empregando uma barreira anti-tank, em que com os peças de 25, de 47, de 75, se misturavam os obstáculos e as minas de lâda e explosão. «Não devemos hesitar — concluiu Weygand nesse



O Conde Ciano que comunicou a François Poincaré a decisão da Itália entrar na guerra

victória — em utilizar a artilharia de 75 contra os carros. São estes o nosso principal inimigo. Se a artilharia não os detiver no seu avanço crítico — se o seu devarávor por eles sem ter tempo de atirar um único tiro.»

Os alemães, não tendo podido evitar a retirada dos ingleses em Dunkerque, começaram no dia seguinte (5 de Junho), a grande batalha que devia reduzir à impotência o que restava do exército francês. Nessa altura o número de prisioneiros das forças aliadas (franceses, ingleses, belgas, holandeses) elevava-se a cerca dum milhão de indivíduos. Dois exércitos franceses, o 9.º e o 1.º, estavam completamente desbaratados. Muitas divisões incorporadas noutras exércitos estavam fortemente focadas. Em compensação o número de baixas nos campos de Bitch era dilatado: dez mil mortos, oito mil desaparecidos, quarenta mil feridos. Total, pouco mais de sessenta mil homens fora de combate.

Os efectivos franceses podiam resumir-se, naquela altura, da seguinte forma: 17 divisões, a leste, nas fronteiras da Suíça e da Itália; 43 divisões ao norte; 3 divisões ocupadas; 3 divisões de cavalaria; 10 divisões de infantaria (infantaria e tropas motorizadas e blindadas), os franceses dispunham de 66 divisões. A desproporção de material (especialmente aviação e tanques) era ainda maior. Foi nestas condições que os alemães, em 5 de Junho, desencadearam o seu ataque final que, destruindo os restos do exército francês, só se deteria com o pedido de armistício.

**A ITALIA NA GUERRA**

No dia 9 de Junho, com as tropas francesas em plena debandada, o chefe do governo convocou um conselho de ministros, o último que devia reunir-se em Paris. Era um domingo. Na capital havia um ambiente de incerteza e de inquietude. Ninguém tinha dúvidas sobre a gravidade dos acontecimentos que se estavam desenrolando. O sr. Reynaud expôs aos seus colegas a situação diplomática. O embaixador francês em Roma, François Poncet, avisava-o com o ministro dos negócios estrangeiros italiano, Conde Ciano, para conhecer as intenções do seu país. O Conde Ciano foi categórico: «Nenhuma compensação oferecida neste momento evitará o que há muito estava previsto. Mesmo que nos oferecessem, neste momento, a Tunísia, Itália e Tomistia, isso de nada serviria. Os dados estão lançados. A Itália vai entrar na guerra.»

No dia seguinte, o Conselho de guerra, delegação do governo com plenos poderes para decidir sobre a marcha das operações, reuniu-se com a assistência de Paul Reynaud, do marechal Pétain, que entrou no gabinete com a categoria de vice-presidente, e dos ministros Louis Marin, Chauveau, Boudouin, Mémet e Mandel, além de registar oficialmente a notícia da entrada da Itália na guerra.

O general de Gaulle, subsecretário de Estado de Guerra, que já era enviado a Londres, era portador de notícias pouco satisfatórias. Os ingleses recusavam-se a entrar em França a sua própria de capa. O general Weygand, ouvido na mesma ocasião, anunciou que o progresso alemão se acentuava, e que a entrada dos alemães em Rouen punha fora de combate o 10.º exército francês.

Impunha-se a necessidade de deixar a capital. A tarde, os ministros trocaram impressões e assestaram nas condições em que devia realizar-se a partida do governo e a evacuação da população civil. A noite um comunicado oficial, transmitido pela rádio, dizia apenas que, por motivos militares, imperiosos, o Governo se via na necessidade de deixar Paris. Durante a noite, os automóveis que transportavam os ministros e os altos funcionários de Estado alcançavam o curso do Loire, e montei-



Uma sessão do Conselho Superior de Guerra francês, quando da invasão da Bélgica e da Holanda. Da esquerda para a direita: Requin, Blanchard, Georges, Dosse, Gamelin, Bührer, Colson, Besson e Gorchery.

do dia seguinte estavam em Tours. Pela terceira vez num quarto de século, a cidade de Paris, símbolo de resistência da França, era abandonada perante o avanço das tropas alemãs.

**PROSEGUIR A LUTA?**

Enquanto os restantes membros do governo se dirigiam para Tours, o sr. Paul Reynaud dirigiu-se para o quartel general dos exércitos do norte, instalado em Briere. Foi ali que no dia 11 se realizou uma reunião histórica em que, além do chefe do Governo, estavam em presença o marechal Pétain, vice-presidente do conselho, o general Weygand e três ministros ingleses, os srs. Churchill, Eden e Attlee. O general Weygand fez um resumo da situação. O seu camarada Georges, chefe do Estado-Maior, chamou especialmente para esse fim, expôs também a sua opinião. Os ministros ingleses, apoiados pelo sr. Paul Reynaud, afirmavam que a continuação da resistência era a condição da vitória; os chefes militares opinavam em sentido contrário. Terminada a reunião, e sem que nela fosse possível chegar a uma conclusão definitiva, o sr. Paul Reynaud, na companhia do general Weygand, dirigiu-se a Paris, onde convocou imediatamente o conselho de ministros, perante o qual o general Weygand fez uma larga exposição sobre a situação militar. Havia, naquela altura, cinquenta divisões francesas para fazer face à invasão de cem divisões alemãs. No final acrescentou: «Continuar a resistência, se o Conselho de ministros me der ordem para isso. Mas desde já me cumpre dizer claramente que se impõe o cessar das hostilidades.»

A questão do armistício era posta pela primeira vez. O marechal Pétain apoiou o ponto de vista do comandante em chefe dos exércitos franceses. Outras vezes se ergueram para o contrario. O ministro da marinha, Cesar Campinchi, advogou arduamente a continuação de prosseguir a luta. O seu colega Yvon Delbos apoiou-o. A alma da resistência era o ministro do interior, Mandel, antigo chefe do gabinete de Clemenceau, conhecido pela sua rara aptidão para fazer político e pela sua energia indomável. Resumindo e encerrando o debate, o chefe do governo pronunciou-se igualmente pela continuação da resistência. Mas onde? Foram tratados várias hipóteses: a Bretanha, o sul da França, o norte de Africa. Antes de se assuzar definitivamente neste ponto, era necessário conferenciar de novo com os delegados do gabinete britânico ao qual o governo francês estava ligado por compromissos formais. O ponto de vista decisivo é a continuação da resistência prevalecera no conselho de ministros.

**A ENTRADA DOS ALEMÃES EM PARIS**

Para continuar a resistência era indispensável efectuar uma retirada profunda em direcção a sul, a fim-de se poderem reagrupar as forças que andavam dispersas. No dia 11, foram dadas os primeiros ordens nesse sentido, as quais começaram a ser cumpridas no dia seguinte. Antes de mais nada, o comando julgava indispensável que o movimento de recuo determinasse se efectuavam com ordem perfeita e com firmeza inabalável. «Todos os movimentos e manobras, dizia a ordem do comando, devem executar-se com ordem e celeridade, devendo os oficiais acompanhados de perto as tropas diante-lhe um exemplo constante.»

A retirada implicava, imediatamente, o abandono do capital. A 16.ª divisão, que se batera em Amiens, atravessou a cidade no meio do silêncio da população que ocorreu a presenciar a sua passagem. No noite de 13 para 14 saiu e, sem qualquer resistência, os alemães fizeram a sua entrada silenciosa em Paris da nove horas da manhã do dia 14. A ideia de defender a capital chegou a esboçar-se mas foi logo posta de parte por falta de meios materiais para a executar e para evitar estagios e sacrifícios de vidas.

O comando francês imaginava poder organizar em volta de Orleans, no longo lombo do Loire, uma poderosa barreira defensiva. A resistência poderia, segundo o pensamento de alguns chefes militares, organizar-se naquela região, percorrida por cursos de água captivos e serranias de florestas e bosques. Era uma ilusão; que os factos, rapidamente, se encarregariam de dissipar.

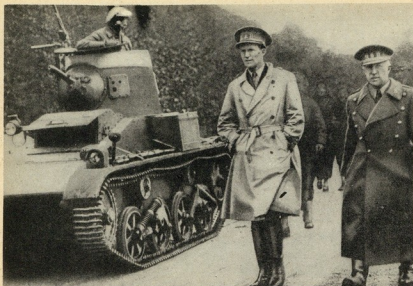
Com a perspectiva duma vitória total, o moral das forças alemãs aumentava, enquanto os soldados da França tinham a noção clara da situação desesperada em que se debatiam. As divergências verificadas entre os chefes militares e os dirigentes políticos, os primeiros afirmando a necessidade de negociar imediatamente um armistício, os segundos continuando a advogar a causa da resistência a todo o preço, reflectiam fielmente as divergências em que o próprio povo francês se debatia. Com as estradas cheias de fugitivos; com o comando em crise, com o governo dividido, a França estava madura para a derrota e para a aceitação das condições que o vencedor — que incessantemente avançava — julgasse conveniente impor-lhe.



O almirante Abrial, defensor de Danquersee



Mandel, antigo ministro do Interior da França



Uma das últimas visitas do Rei Leopoldo da Bélgica à frente de batalha

## A RETIRADA GERAL

No dia 12, perdida toda a esperança de resistência eficaz por parte dos franceses, foi dada a ordem de retirada geral. A principal dificuldade para que o recuo se efectuasse em bom orden era o estado dos caminhos. Para se fazer uma ideia exacta dessa dificuldade basta recordar os combates intermináveis que os percorriam, constituídos por filas de veículos dos mais diversos, desde os canhões pesados aos ligeiros autocarrois Citroën, desde os enormes carros de bois das pequenas carroças puxadas por um cavalo lido aos estrados ou dependurados nos bejilhões, viam-se os chefes de família mais idosos, as mulheres e as crianças, que procuravam um refúgio, em qualquer parte, na direcção do sul. De vez em quando a onda sinistra parava. Era a aviação inimiga que se aproximava despejando metralla.

Naquêles dias dramáticos as preocupações dos homens responsáveis pela defesa e pela segurança da França podiam resumir-se assim: em primeiro lugar havia um exército que recuava, partido em bocados, sem ligação e que, no meio das estradas pejudicadas de veículos e de civis, deixava, pela sua falta de coesão, espouso por onde o inimigo penetrava profundamente; em segundo lugar havia a perturbação do comando que via malograrem-se todos os seus esforços para coordenar aquela retirada, à medida que se acentuava, tomava aspectos de catástrofe; finalmente era necessário considerar o que se passava no seio do próprio governo, onde as divergências se acentuavam.

Em Tours os conselhos de ministros sucedem-se,



General De Gaulle



José Félix de Lequerica, embaixador espanhol em Paris, através de quem foi pedido o armistício à Alemanha.

terminando todos numa irresolução denunciadora do estado de espírito dos dirigentes políticos, a quem os chefes militares forneciam apenas notícias de desastres. O primeiro ministro inglês, acompanhado por Lord Halifax e por Beaverbrook, conferenciou com o chefe do governo francês, mostrando-lhe a conveniência de proseguir o luta, mesmo fora da metrópole. Mas o chefe do governo francês, dadas as informações prestadas no relatório do general Weygand, encarou, desde o dia 12, a hipótese duma rendição incondicional e mesmo duma paz separada. Foi nessa atmosfera febril de pânico e de incerteza que a França viveu a última semana da sua participação na guerra.

## O PEDIDO DE ARMISTÍCIO

Paul Reynaud, convencido de que a continuação da resistência, mesmo no derrotado, é a condição essencial da salvança da França, reúne os seus colegas e propõe-lhes que se dirija um apêlo ao presidente Roosevelt. Mas o general Weygand insiste pelo pedido de armistício argumentando que o avanço alemão prossegue implacavelmente e que o número de prisioneiros aumenta sem cessar. Em 14, o governo resolve partir para Bordéus, sem pôr em prática as resoluções urgentes que

se impõem, em segurança e com calma absoluta. Mal chegados a esta cidade os ministros reúnem-se e o vice-presidente do conselho, marechal Pétain, propõe que seja imediatamente pedido o armistício. O chefe do governo opõe-se e recomende que as opiniões dos seus colegas estão divididas, enquanto o presidente da República, sr. Lebrun, insiste com êle para que continue no seu posto. No final resolve-se aguardar a resposta do telegrama dirigido ao chefe da nação norte-americana, a qual chega na noite de 15 para 16 de Junho. Os Estados Unidos prometem fornecer à França o material de guerra necessário para que esta possa continuar a lutar, mas o seu presidente não está em condições de se comprometer a fazer entrar a nação na guerra, pois essa decisão é uma prerrogativa do Congresso.

No dia 16, dois conselhos de ministros. No primeiro o marechal Pétain anuncia o propósito de se demitir no caso de não se pedir imediatamente o armistício; no segundo os ministros tomam conhecimento duma oferta do governo britânico para que os dois países passem a formar uma federação, com os mesmos direitos e as mesmas deveres, na guerra como na paz.

Esta declaração não é aceita. Perante a atitude duma parte dos seus colegas, o sr. Reynaud faz uma declaração sêne: «Entendo que não sou o homem que deve pedir um armistício à Alemanha e libertar a França dos compromissos que assumiu com a Grã-Bretanha. Talvez um dia o meu país venha a precisar do homem que lêz da amizade e da aliança inglesa a base de toda a sua política. Hoje só tenho uma attitude a tomar. Peço, irrevogavelmente, a dimissão do meu cargo». Ao meio horas da noite o marechal Pétain era convidado a constituir o novo governo; à meia noite esse governo realizava o seu primeiro acto oficial pedindo, por intermédio do embaixador de Espanha, sr. Lequerica, um armistício à Alemanha.

(Continua)

(Rigorosamente prohibida a reprodução, mesmo parcial).

A «HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL», escrita expressamente e em exclusivo para «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA» pelo distinto escritor e jornalista Carlos Ferrão, começou a publicar-se no n.º 25 da nossa revista, de 6 de Novembro de 1941.

Foram até agora publicados os seguintes capítulos:

## CAPÍTULO I

## ASSIM ESTALOU A GUERRA

- 1 — Os antecedentes do conflito
- 2 — Morrer por Dantzig?
- 3 — A paz que se extingue.

## CAPÍTULO II

## A CAMPANHÁ DA POLÓNIA

- 1 — Quando soaram os primeiros tiros
- 2 — A guerra relâmpago
- 3 — A partilha da Polónia

## CAPÍTULO III

## ADVERSARIOS QUE SE ESPREITAM

- 1 — A ofensiva da paz
- 2 — A falta de um plano de acção
- 3 — Ofensiva ou defensiva.

## CAPÍTULO IV

## INTERMÉDIO NÓRDICO

- 1 — Uma cortina de fumo
- 2 — Três meses de hostilidades
- 3 — A perturbação dos países occidentais.

## CAPÍTULO V

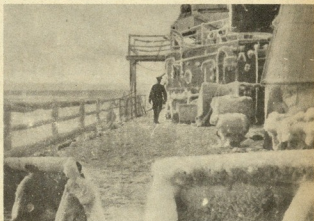
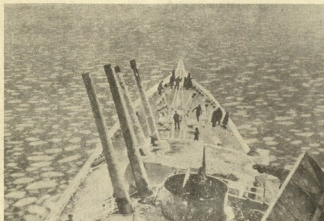
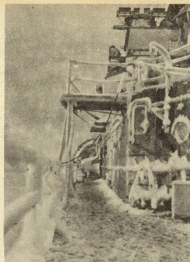
## A GUERRA RELAMPAGO

- 1 — A invasão da Noruega
- 2 — Churchill no poder
- 3 — Como sucumbiram a Holanda e a Bélgica.

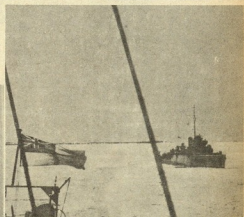
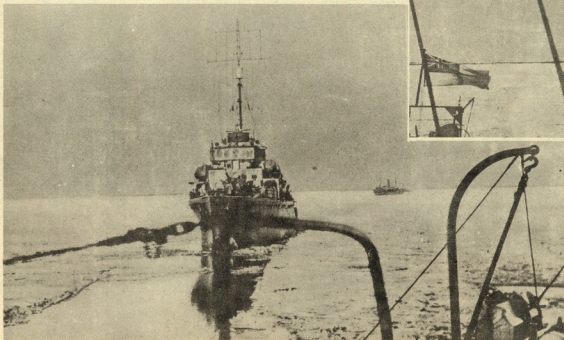
Em cada número de «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA» têm sido e serão dedicados a este trabalho de análise histórica da mais flagrantemente actualidade, algumas das suas páginas, com numerosas gravuras. Cada três artigos completos formam um capítulo da «HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL». Coleccioná-los é obter, sem mais quaisquer despesas, uma notável obra, escrita por um dos mais apreciados comentadores portugueses da política internacional e ilustrada com muitas gravuras que documentam todas as figuras e factos da actual guerra.



# Comboios Ingleses a caminho da Rússia



ESTA PÁGINA DOCUMENTA VARIAS FASES DA VIAGEM difícil e cheia de perigos dum «comboio» de navios mercantes ingleses enviado para a Rússia com fornecimentos de guerra. A neve e o gelo cobrem os barcos, que seguem uma rota especial em regiões de muito baixa temperatura. As condições climáticas obrigam a um esforço considerável a bordo: as peças da D. C. A. e dos barcos de guerra que acompanham os navios têm que estar em constante movimento para se manter a boa lubrificação; o fogo exige um treino especial das guarnições; e os gelos que se aglomeram à superfície do Oceano Ártico têm de ser cortados por dispositivos especiais para não impedirem a passagem dos barcos.



# caçando corças e veados a tiro e à lança

Há séculos se não realizava a dominadora e sobre caçada à lança. Ressurgiu agora o gosto por esse curioso desporto, e voltado à prática há poucos dias pelos Societários da Caça da Herdade da Torre Bela, os srs. Visconde de Sacavém, D. Nicolau Franco, Guilherme Caride, Francisco Camelo, D. Jaime Argueiles, Daniel Lane, José Santos, Virgílio Pereira da Silva, dr. José Cambonare e Rogério de Macedo.



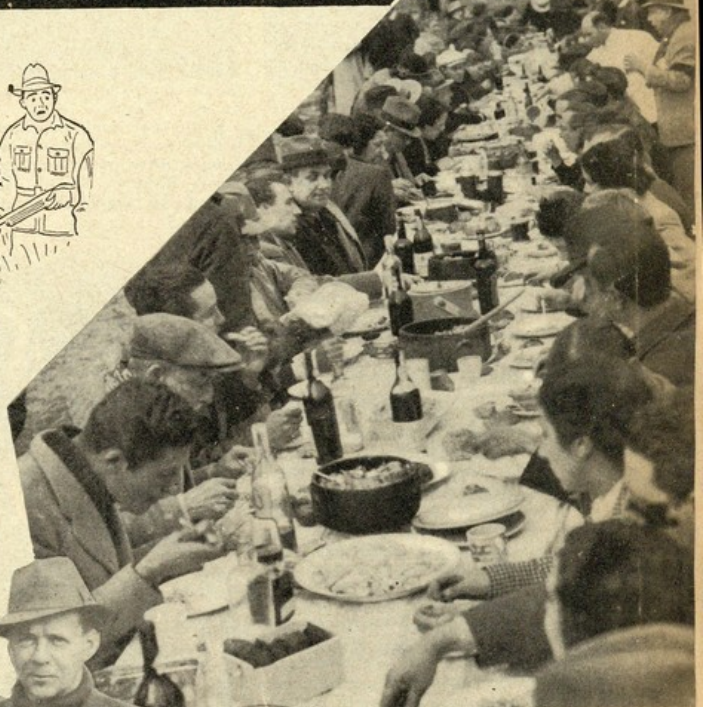
Um aspecto da merenda

DIREITA: Um grupo em que se vêem os Duques de Lafões, os srs. D. Maria Inês e D. Inês Maria Volti dos Santos, Madame Bragança, D. Joana de Bragança, Sr. Segismundo de Bragança, Carlos Ribeiro da Silva, José Santos e Francisco Camelo.



EM CIMA: Após a caçada reúnem-se entre outros convidados, Madame Côrte Real, Emilio Leite da Câmara e esposa, António Herédia, Rodrigo Castro Pereira, Major Jorge Metelo e irmãos Palha.

EM CIMA, a cavalo: A sr.<sup>a</sup> embaixatriz de Espanha. AO CENTRO: Os srs. ministros das Colónias e da Educação Nacional e o prof. dr. Manuel Rodrigues. EM BAIXO: Madame Ortigão Burnay, Visconde de Santarém, Pedro de Almeida Lima, Renato Pinto Soares e outros caçadores. A DIREITA: A Condessa e o Conde de Schouwaloff.



EM CIMA: Dois grupos, onde se vêem, entre outros, os srs. eng.<sup>o</sup> Ribeiro Ferreira e Luiz Margaride, figuras em evidência na grande caçada.

Decorreu brilhantíssima esta caçada, em que tomaram parte a «élite» dos atiradores e uma pleiade elegante de amazonas e cavaleiros, civis e militares. Entre os convidados, em número superior a duzentos, da melhor aristocracia portuguesa, registava-se a presença dos srs. Embaixadores de Espanha, Ministros das Colónias e Instrução, Sub-Secretário das Finanças; Condes de Casoteja, de Almeida Garrett e de Schouwaloff; Viscondes de Mercena de Sacavém e de Botelho; Princesa de Broglie, Jorge Monte Real e esposa, etc.. Os srs. Duques de Lafões, proprietários da herdade, acompanhados de suas irmãs e filhos, tiveram a cativante gentileza de convidar os presentes para uma encantadora «santa» regional no palácio Ducal. Dançou-se animadamente ao som de uma orquestra popular que só executou música portuguesa. É curioso registar que os campinos e as moçoilas da terra redpiciaram ao lado da fina flôr da aristocracia portuguesa. Cabe ao sr. Engenheiro Ribeiro Ferreira a honra do primeiro e único veado abatido a tiro. A lança foi apenas ferida uma única corça.

# FORMOSA

## Grande romance policial do escritor americano

### Max Felton

Especial para *Vida Mundial Ilustrada*

(Continuação dos números anteriores)

#### CAPÍTULO XII

#### RACIOCÍNIOS E DEDUÇÕES

**I**NTE e quatro horas antes não passava de um desorientado, de uma espécie de lâmpa inerte que o sóbrio contraditório dos acontecimentos impelia, ora para um lado ora para outro, sem rumo certo, sem vontade firme. Presentia que a verdade andava à sua volta, talvez mais perto do que supunha, mas uma espessa sombra de mistério a ocultava, tapando-lhe a vista como uma névoa aos olhos de um cego. E era essa incerteza de tudo, essa estranha coisinha que o irritava, que o lançava no mais amargo desejo.

Em poucos horas, porém, como uma tormenta que vai passando, o horizonte das investigações começava a clarear; aqui e ali, embora restritas, algumas manchas de céu azul principavam a entremostrar-se, dando-lhe esperança de uma próxima vitória.

Alguns factos concretos iam surgindo animadoramente. Ia-se passando das hipóteses, isto é, da fantasia para a realidade. E Charles Read, agora, o que pretendia era não se deixar desvariar pela abundância de elementos, como pouco tempo antes se desorientara pela sua absoluta cegueira. Fazia, por isso, apêlo à sua serenidade e à luzidez do seu raciocínio.

Ele não era polícia oficial, nem estava tratando com criminosos vulgares, para meter os suspeitos na prisão e apertá-los com interrogatórios até os obrigar a confessar os seus culpas. Tinha que proceder como amigo de todos, tateando cautelosamente o terreno, empregando toda a sua argúcia nas inquirições, penetrando nas almas sem que as almas se apercebessem, retinindo em seu íntimo pormenores daqui, pormenor daquilo, pacientemente, até formar a verdade inteira e indistritível.

Não havia a menor dúvida de que se encontrava na senda da verdade; um passo precipitado ou impensado poderia fazê-lo perder a pista; tinha que sempre a começando a perceber-se da posição de cada um dos compassos daquela intriga. A sua última entrevista com John King muito acentuara para aligeirar as suspeitas tremendas que alimentava contra o milionário. É certo que este guardava um segredo; o que nas condições se apresentava para ele a esfera de ago. Mas Charles Read já principiava a sorrir interiormente daquela coisa de King, sem saber que a esfera significava para o industrial a liga de aço, cuja fórmula, por aquela espécie de amostra, devia estar acidentalmente quando lhe furtaram. E esse pormenor parecia a um plano secundário no interesse do polícia.

A este o que convinha era reconstituir todas as perspectivas da trajetória da esfera de ago, desde que, provavelmente sob a orientação sua segunda fórmula do indú, se construiu, e até a parar às mãos de King e das mãos deste ao do tal Georges Marly. O que estava perfeitamente evidenciado era que Judy Gordon fôra o agente diabó-

lico de toda aquela intriga. Crisnam Raicor, Georges Marly e John King não passaram de joguetes nas mãos da enlaidada rapariga que lhes aguçara os apetites com o intuito de tirar deles o máximo proveito. A fórmula e a esfera foram belos negócios para ela.

... verdadeira, a autêntica criminosa era Judy Gordon. Os outros, talvez mesmo inconscientemente, foram sucessivos: não receptores do furto e roubados depois, levou a fazer sequestrar em praticar o assassinio para se apoderar da esfera que depois vendeu a John King para lhe lutar depois e vendê-la a Marly, por certo quem melhor a pagara, porque, já de posse da fórmula, licou mais habilitado a explicar com êxito o segredo da tal liga de aço.

Então, mentalmente, Charles Read ia reconstituindo os factos. A leviana Judy Gordon trava conhecimento com a delicada Crisnam Raicor. Este indú o homem de grande imaginação e viva

lesse os seus pensamentos mais tardaria, lhe revele os seus mais valiosos segredos. Um dia, talvez no vago intuito de deslumbrar a sua formosa amiga, Crisnam Raicor lê-lhe depositária de uma confidência que lhe pode granjear uma fortuna imensa. Ele viera para os Estados Unidos a fim de tirar o seu curso de médico. Não exerce, porém, a medicina. É um apaixonado das ciências físicas e químicas. Nos seus tempos de estudante mostra sempre grande inclinação para essas ciências. Depois disso continuou a interessar-se por elas. As ligas metálicas atraíram-no. Começou a pensar se não seria impossível descobrir uma liga de aço mais resistente do que as mais resistentes vulgarmente conhecidas. Começou a estudar o problema, primeiro por desporto, depois com entusiasmo. E os seus esforços deram resultado magnífico. Tinha ali guardada, no seu apartamento, uma fórmula que valia uma fortuna. E possuía, além da fórmula, isto é, da teoria,

tardaria em germinar com punção. O invento de Raicor talvez valhasse realmente uma fortuna. O oriental, porém, indolente por temperamento, não se mexia, não dava um passo para a sua realização prática. Ficava-se para ali a sonhar com os tesouros que poderia ter e não tinha com a prática que poderia alcançar e não alcançava.

Aquêles desinteresse do indú, aquela indolência pela vida de ago, aquela própria do oriental, deviam enervar a cinética crápula. Ela estava relacionada com um homem a quem tais problemas interessavam profundamente. Esse homem era John King, que sempre a convidava a sair, para com ela, que era seu amante, que estaria talvez disposto a dar pelo invento uma quantia superior ao preço que ela valia.

E, um dia, um dia com toda a sua "coqueterie", com todo o seu poder de sedução, fala no assunto a John King. Fale escuta-o com um sorriso embebedado. Ele não acredita muito no interesse das mulheres para negócios. Mas deu-xa-lar, sem deltar grande sentido ao que ela diz.

— Uma liga de aço mais resistente do que as outras até então conhecidas.

Então parava desportando a atenção. Medita um pouco. Mas aquela rapariga fútil, leviana, sedutora, está a falar-lhe num assunto muito sério. Vislumbra a revolução que se produziria na indústria se credenciasse de uma realidade o que Judy Gordon lhe diz. Juzga, por um momento, que os seus ouvidos o enganaram. É possível que Judy nem compreenda o valor do que está a dizer.

Entre sorridente e grave, pergunta-lhe:

— Mas tu sabes o que disseste?

Ela afirma que sim, que sabe de um invento extraordinário, de uma liga para o aço que o torna dez vezes mais resistente do que o melhor aço que ele fabrica nas suas fábricas. John King não quer acreditar, só vendo com os seus próprios olhos. Judy diz que ela própria já viu, já teve na mão um objecto de aço, fabricado segundo essa fórmula.

Mas onde está esse objecto?

Judy não revela quem é o inventor. Se John King tomasse contacto com o indú, ela perderia o melhor do negócio; o que lhe convinha, portanto, era ela própria negociar, como se fôra a legítima dona de tudo. O indú, esse, que continuasse a sonhar com riquezas fabulosas para um futuro incerto.

A enlaidada rapariga não-lhe entrega na bolsa de ago. Seria a prova insalvável de que não mentia. Não se importaria de lhe entregar, mediante uma caução. Discutem prepos. Ele, com seu espírito de negociante, diz-lhe-lhe o valor de lhe entregar uma caução de dez mil ou quinze mil dólares, sabendo de antemão que o famoso invento não deve passar de um sonho. Ela, porém, lige desinteressar-se. Levou a sua descoberta a alguém que lhe atribua um valor razoável. John King atemorizava-se. Acaso lhe estaria a enganar, a enganar, a enganar, a falta de lar, a não arremessar para outros mãos?

Trata-se de uma caução apenas... Se o negócio falhar, restituí-la a esfera e a fórmula, e recuar, não se dá muito embora Judy fique com um



Não tardou que o pobre indú lhe confessasse os seus pensamentos...

inteligência como sucede com quem toda os orientais. Simultaneamente muito sensível à beleza das mulheres brancas. A vivacidade, a alvura da epiderme, a leura dos cabelos de Judy deslumbram-no e entontecem-no. A enlaidada rapariga não tarda em manejar o pobre indú apaixonado com a mesma facilidade com que um leitante maneja um lanche.

Não tarda que o pobre indú lhe con-

resultado prático do seu invento — aquela esfera de ago, de inelastiva aparência, que ninguém daria nada por ela e que, no entanto, era uma maravilha que os grandes industriais da metalurgia dariam uma fortuna para possuí-la.

Judy Gordon teria recolhido aquela confidência, a princípio um pouco céptica. Mas a semente da ambição estava lançada no seu espírito, e se

parte. Ela exige-lhe, pelo menos, seiscentos mil dólares. Convence-o mesmo a dar-lhe adiantamento, com a promessa de, num breve prazo, lhe trazer a famosa esfera de aço.

Charles Read sorri interiormente. Estará ainda a raciocinar ou a fantasiar? Embora, por vezes, se contendam, há uma diferença fundamental entre raciocínio e fantasia. Mas, quantas vezes esta não passa de mera consequência daquilo? O polícia que não tem imaginação não passa de um mediocre investigador. Deduzir é função da imaginação. E quando esta é pobre, a dedução nunca será muito arguta nem penetrante.

Estas cogitações animam Charles Read a insistir nos seus raciocínios. Era possível que, em primeiro, as coisas não se tivessem passado tal qual ele estava a pensar. Do que, porém, tinha quasi a certeza era de que não se enganava quanto à essência dos acontecimentos.

É então o «detective» formula-se em espírito várias interrogações, às quais tentava responder com os dados que já possuía. Acudia-lhe a primeira pergunta: quem roubou a esfera? Essa pergunta tinha uma resposta imediata, e, sobre a qual já não podia haver dúvidas. Fôra Judy Gordon quem hurtara a esfera de aço do índio. Mas: lára ela quem, para se apoderar desse cobizado objecto, não hesitara em assassinar o criado de Criesman Raizer. O resto eram minúcias que as investigações, os hábitos interrogatórios a fazer lhe forneciam pouco a pouco. A prova de que Judy roubara a esfera tinha-a ali no bolso, embulhada num pedaço de papel — a madeira loura, em que John King remembara os cabelos de Judy Gordon.

Outro pormenor fundamental que um dia antes lhe parecia quasi impossível obter era o do paradeiro da esfera. Chegara a admitir o absurdo de ser o próprio John King o detentor da esfera. Não sabia mesmo porque se lhe metiera em cabeça que a bola de aço devia estar guardada no cofre do famoso do milionário. Agora já esse problema se encontrava resolvido. A esfera estava em poder do inglês.

Sobre um ponto ainda alimentava dúvidas: continha a esfera? Guardara alguma fórmula — talvez a verdadeira, a autentica, da liga de aço inventada pelo índio? Era admittivel. Só isso poderia justificar o interesse que Criesman Raizer mostrava em rehavê-la. E quem poderia afirmar que o empenho de King não fosse precisamente o mesmo? Era mesmo possível que existissem duas fórmulas: uma, incompleta, que Judy vendera aos gileés, outra, verdadeira, que o índio guardava dentro da esfera. Assim, o inglês, que possuía a esfera, o que pretendia obter era a fórmula verdadeira, ignorando talvez o que a esfera continha; King o que pretendia era a esfera, ou porque lhe servisse de estatuetta, ou porque lhe servisse de meio para adquirir novo tipo de metal ou porque suscitasse que a verdadeira fórmula estivesse lá dentro; e Criesman Raizer desejava obter a esfera, já porque era esta a realização concreta da nova liga de aço, já porque continha o seu segredo, a cifra que representava uma imensa fortuna.

É era em torno daquella insignificante bola de aço que se desenracavam as maiores paixões, as mais violentas cobizas. Era d'elles, Charles Read, que esperavam satisfactos tantos interesses opostos. Todos se julgavam com direito à esfera de aço e secretamente não queriam ser senão possuidor da fórmula da liga daquelle metal. John King queria a esfera e argumentava que a comprara por seiscentos mil dólares. O inglês não faltava na esfera, mas queria encontrar o índio para lhe exigir os esclarecimentos que lhe permitissem tirar proveito de uma fórmula que lhe custara bom dinheiro. E o

índio? Ah! O índio era a verdadeira vítima. A esfera pertencia-lhe, a fórmula era a sua invenção. Tinha sido autorizada para negociar as suas ideias?

Parecia-lhe a única vítima. Ah! Esse homem, que constituia um elemento tão precioso, quasi lhe passara despercebido! Chegara mesmo a comover-se o étro impendível de o deixar partir, sem a certeza de lhe pedir o endereço.

Restava-lhe a esperança de que Jack Harman descobrisse o seu paradeiro. Contava na diligência do seu ajudante.

Uma ideia atravessou o espirito de Charles Read tão penetrante e aguda como se lhe varasse o coração. O mistério da bola de aço encharcava tanto o pensamento que chegava a esquecer, no meio de tanto enigma, um enigma que mais o interessava: o desaparecimento de Dorothy, a delicada companheira dos tempos tristes em que se estabeleceram no escritório dos Stones.

Tivera o presentimento vago de que o rapto — se acaso se tratava de um rapto — de «miss» Dorothy teria qualquer ligação com o caso da esfera. Agora, começava a convencer-se de que não. Devia tratar-se de um problema novo que lhe aparecia no momento em que tão abstracido estava com o problema da esfera.

Mas elle não podia abandonar a casa da pobre rapariga. Talvez naquêllo momento em que elle se encontrava fora já amangado de um tremple a divagar, estivesse ela crendo graves riscos e pensando que o seu companheiro de escritório não a esqueceria, não a abandonaria.

Se, no seu início, o caso da esfera se lhe apresentava perfeitamente fechado, sem pontas por onde começar a desembaraçar a meada, o de Dorothy ainda lhe surgia mais difícil. Não havia um indicio, uma suspeita, um palpite que lhe guiasse os seus passos. Era doloroso confessar a si mesmo que não sabia para onde se voltar. O velho Stone parecia sobre a terra; se King estava perfeitamente afastado do assunto e pediu-lhe para se interessar por elle, apenas por uma questão de sentimental.

Tinha que agir absolutamente nas trevas. Se Dorothy fugira, que motivos a teriam levado a essa attitude? Se fôra raptada, quem teria interesse nisso?

Haveria alguma ligação entre o desaparecimento de Dorothy e o da irmã? Já não o achava provável. Que diria se a irmã estivesse acidentalmente devota ter-lhe em pleno coração? Sim, qual seria a opinião da mãe de Dorothy?

Não seria desmostrado ouvi-la. Sabia onde Dorothy morava. Fôra uma vez acompanhá-la a casa e chegara a entrar, porque Dorothy insistira em apresentá-lo à mãe. Já devia ter-se lembrado mais cedo d'esse ponto. Principaria por ouvir a mãe da pobre «viga». Talvez as suas declarações lhe fornecessem uma pista, uma suspeita, um pequeno nada — um daquêllos pequenos nada que são muito vezes, uma chave com que se abre um mysterioso mundo.

Ergeu-se de um salto. Ia tirar o chapéu para a nuca, como érti seu hábito, quando Giovanni entrou da porta do escritório e anunciou a meia voz:

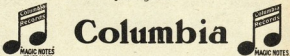
- Está ali aquêllo senhor escuro...
- Quem — O índio.
- Ah! — exclamou o polícia num alvoroço. — A sorte começa a favorecer-me! Manda entrar, depressa.

Tornou a sair o chapéu e para uma cadeira e avançou para a porta, onde já assomava a figura delicada do oriental.

(Continua)

# NOVOS DISCOS PORTUGUESES

Acabam de chegar 4 discos novos de música portuguesa



Berta Cardoso

Maria Alice

## CANTO FADOS

- DL 103 — Amor filial | Berta Cardoso
- Mulher portuguesa | Berta Cardoso
- DL 104 — Sou pobre | Maria Alice
- Crueldade | Alice

## ACORDEON CORRIDINHOS

- DL 105 — Monumental — Hostilio Salgado
- Caçadores de S. Braz — José FERREIRO
- DL 106 — Não faças beicinho | José FERREIRO
- Corridinho de Loulé | José FERREIRO J.

CADA DISCO 25\$00

Expedições para a Província: Em 1 ou 2 discos a mais para o seu custo \$500 para porte e embalagem. A partir de 3, estes gastos são de nossa conta.

ESTABELECIMENTOS

## Valentim de Carvalho

R. Nova do Almada, 97

### QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Até ao próximo dia 31, todos os leitores da «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» têm uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de agudeza e perspicácia. Acompanhando a leitura da obra de Max Follon, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao próximo dia 31 em 31 mandem, em carta fechada, as respostas a estas três perguntas ligadas com a acção do romance:

- 1.º — Quem roubou a esfera misteriosa?
- 2.º — Onde está a esfera misteriosa?
- 3.º — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

- 1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.
- 2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das perguntas.
- 3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das perguntas.

1.º PRÉMIO — UMA VALIOSA COLECCAO — NOVE VOLUMES — DOS ROMANÇOS POLICIAES E DE AUDAÇOSAS AVENTURAS DO PRINCEPI SAVIL, DA AUCTORIA DO GRANDE ESCRITOR AMERICANO JOELSON.

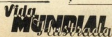
2.º PRÉMIO — UMA DAS MELHORES OBRAS DO GRANDE ESCRITOR INGLÉS EDGAR WALLACE. — O INTRIGANTE (THE MIXER). Um livro assinado por um dos melhores auctores do género policial de todo o Mundo.

3.º PRÉMIO — DOIS ROMANÇOS DA CONGRADA «COLECCAO DETECTIVA DO GAO POLICIA, de Nelson Mackey, e A TRAGEDIA DO PALHAÇO, de James Black.

## LEIA O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO

### «Do Diário de José Maria»

O MAIOR ACONTECIMENTO LITERÁRIO DESTA ÉPOCA





A ASSISTÊNCIA AO SERÃO RECREATIVO que a Emissora Nacional, de colaboração com a F. N. A. T., ofereceu, no Instituto Superior Técnico, aos operários da Câmara Municipal



O SR. MAJOR CARLOS AFONSO DOS SANTOS discursando na festa comemorativa do 140.º aniversário do Colégio Militar



OS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR formados durante a festa



ASPECTO DA INAUGURAÇÃO da exposição de desenhos de artistas portugueses no estúdio do S. P. N.



1942

O

VINHO do PORTO  
*dos velhos tempos—corre*  
*o País autenticado pelo*  
SÊLO de GARANTIA



CONTRA TODAS  
AS QUEIMADURAS

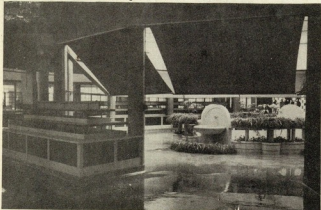
APYROL NÃO É UM CREME, É  
UM PRODUTO MEDICINAL

**APYROL**

A venda na Farmácia  
Estácio—Rossio e em  
todas as boas farmá-  
cias e drogarias



ASPECTO DAS MAGNIFICAS instalações do novo mercado de Arroios, inaugurado recentemente



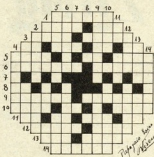
OUTRO ASPECTO da parte central do novo mercado



O PROFESSOR GEORGES WEST, director do Instituto Britânico, fazendo uma conferência da série que ali se está efectuando sobre grandes figuras inglesas

# VARIEDADES

PROBLEMA N.º 15



**HORIZONTAIS:** 1 — Tribunal; 2 — Court; 3 — Pé; 4 — Capela-mór (pl.); 5 — Parai; 6 — Em partes iguais; 7 — Tende mão; 8 — Biarria; 9 — Fumaça; 10 — Vapor; 11 — Brevolência; 12 — Lampadário; 13 — Suspense; 14 — Talhe; 15 — Marche; 16 — Fenômeno, que se produz quando dois líquidos estão separados por occlusão mais ou menos porosa, e que consiste em realizar-se então uma mistura dos dois líquidos; 17 — Cástica; 18 — Pico (pl.); 19 — Nome de consoante; 20 — Seguir; 21 — Batráquio; 22 — Nota musical; 23 — Agastamento; 24 — Garbo; 25 — Pequena rua; 26 — Passaro (pl.); 27 — Entre os Muçulmanos, guia, chefe; 28 — Segurança; 29 — Abrigar.

**VERTICAIS:** 1 — Cabelo branco; 2 — Instrumento de poder (inv.); 3 — Após; 4 — Interj. (designativa de surpresa); 5 — Pradigio; 6 — Gritar; 7 — Termô do grau; 8 — Acomodar-se; 9 — Grande família etnográfica, a mais oriental da Europa; 10 — Pesca; 11 — Passar; 12 — Luta; 13 — Época futura; 14 — Vences; 15 — Perversa; 16 — Outra coisa; 17 — Indaga; 18 — Dilata; 19 — Aparelho; 20 — Continuar; 21 — Acontecer; 22 — Elu; 23 — Bolo de farinha de arroz e azeite de côco, usado na Ásia; 24 — Tende mão; 25 — Ela; 26 — Caruina; 27 — Receitas; 28 — Viagem; 29 — Templo; 30 — Tornar-se pouco denso.

Soluções do problema n.º 14

**HORIZONTAIS:** 1 — Arce; 2 — Pena; 3 — Ásia; 4 — Ópa; 5 — Rabino; 6 — Eiz; 7 — Do; 8 — A; 9 — Oleo; 10 — U; 11 — Oc; 12 — A; 13 — Ica; 14 — Es; 15 — Ame; 16 — O; 17 — Ab-ovo; 18 — Ameia; 19 — Liras; 20 — Ser; 21 — S; 22 — Sol; 23 — Nôa; 24 — E; 10 — Ah; 25 — Maia; 26 — S; 27 — Ax; 28 — M; 29 — M; 30 — Sim; 31 — Orça; 32 — Liar; 33 — Leão; 34 — Iate; 35 — Ao; 36 — Lais; 37 — Roma; 38 — Boro.

**VERTICAIS:** 1 — Códia; 2 — Samo; 3 — Aipo; 4 — Al; 5 — Huri; 6 — Aspá; 7 — Icar; 8 — Rio; 9 — Acoro; 10 — Ato; 11 — Cã; 12 — Anã; 13 — Em; 14 — Pão; 15 — Os; 16 — Mal; 17 — Sabre; 18 — Sa; 19 — Aries; 20 — Oitão; 21 — Aro; 22 — Ax; 23 — Aer; 24 — Ex; 25 — Amen; 26 — Lã; 27 — Não; 28 — Umeros; 29 — Lar; 30 — Arre; 31 — Eiva; 32 — Seo; 33 — Ajo; 34 — Ato; 35 — Alas; 36 — Esco; 37 — Esmo.

## Vida MUNDIAL

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: B. Garrett, 80, 2.º — Lisboa, Tel. 2344 Composto e impresso na Oficina Gráfica Bertrand (União), Ltd.º — Travessa da Condessa do Rio 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 2 6942

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## A VOZ DE LONDRES

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	CRZ	13,86 m. (21,64 mc/s)
		CRU	31,75 m. ( 9,45 mc/s)
12,30	Actualidades	CRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	CRX	30,96 m. ( 9,69 mc/s)
		CSB	31,55 m. ( 9,31 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	CRT	41,96 m. ( 7,15 mc/s)

(\*) Este período do Noticiário e Actualidades curvo-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.680 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

# A última página do drama de Stefan Zweig

**F**

oi há dias em Petrópolis, a linda cidadezinha de turismo alardeado nos muros do Rio.

Zweig, o judeu errante da moderna literatura, o homem que criara uma escola nova — a da biografia animada — e que se apaixonara pela vida das figuras célebres do Mundo, quis descobrir-se a si próprio, escrever o seu drama. Mas éle, que tinha sido grande, pujante de força, brilhante na arte de escrever, magnífico no estudo dos caracteres, genial na compreensão dos sentimentos, reconheceu que não sabia escrever a sua biografia. Que não ficava nada que merecesse um esforço, que não se vislumbrava no futuro coisa alguma que valesse o sacrificio de continuar. E abdicou perante a nova tarefa. E a luz extinguiu-se.

Entretanto, a sua vida era um belo tema para um biógrafo como Zweig, certamente um dos maiores escritores do nosso tempo. Assistiu, como tantos de nós, a duas guerras. A primeira viveu-a, moço ainda, na sua pátria, a Austria, serena e alegre, vibrante de espirito. Guardou no coração recordação de horrores e de pesadelos. Sofreu e quis redimir sofrimentos seus e alheios, lançando-se no trabalho e pondo ao serviço dele todo o seu talento, que era enorme. Foi jornalista e romanista. Depois, partiu, Europa fora, em busca de emoções. E da Europa escolheu as maiores celebrações, as mais célebres figuras para as mostrar ao Mundo inteiro. Os biógrafa-

dos saem do esquecimento e da poeira e ressurgem, imponentes no descritivo e na análise dos caracteres, no ambiente do seu tempo, na extensão e profundidade dos seus esforços em prol da Humanidade.

Assim se fez universal o nome de Zweig. Romance ou biografia, os seus livros eram documentos da vida da Europa que se amarfanhava nos erros, nos crimes e nas lutas. Um dia, exausto, prevenido a conflagração, saiu dela para novos mundos. Lisboa e o Estoril viram-no passar com o seu charuto, e o seu sorriso triste. Daqui para diante, era o Atlântico e a América.

E veio, a segunda guerra. Era preciso lutar. E o génio queria começar. E vieram novos estudos e novos livros. Espírito dado a paixões, entrega-se, de corpo e alma ao Brasil, terra onde a vida surge, em cada dia com novos motivos de encanto. Pensa depois dedicar-se a

*(Continua na pág. 17)*

**A DIREITA:** Stefan Zweig fotografado no Estoril quando da sua passagem por Lisboa, a caminho da América. **EM BAIXO:** Uma das últimas fotos do grande escritor austriaco tirada durante um almoço em que o Visconde de Comarçido reuniu um grupo dos seus amigos, no dia 8 de Setembro do ano passado, no Rio de Janeiro. Nela se vêem, além de Stefan Zweig e do Visconde de Comarçido, os seus António Ferro, Júlio Coelho, drs. Afrânio Peixoto, Almeida Braga, Edmundo Luz Pinto, Roberto Marinho, Levy Carneiro, Barão de Saavedra, architecto José Cortes e Guilherme Pereira de Carvalho.

*(Fotografia autografada)*



(Continuação da pág. 16)

# FALA-SE ESTA SEMANA DE...

## PROFESSOR DR. CAEIRO DA MATA



Ministro de Portugal em França e figura de relevo na vida portuguesa que acaba de receber em Toulouse, com o ceremonial do costume, o título e diploma de doutor honoris causa da Universidade daquela cidade. A cerimónia assistiu, em representação do governo francês, o dr. Carcopino, secretário de Estado da Educação Nacional. O sr. dr. Caieiro da Mata, antigo ministro, reitor e professor da Universidade de Lisboa, figura em evidência nas sessões de S. D. N. foi, assim, alvo dum homenagem justíssima, que serviu também para novo pretexto de estreitamento das relações luso-francesas.

## ARQUITECTO PARDAL MONTEIRO



Que acaba de ser nomeado professor efectivo da cadeira de Architectura do Instituto Superior Técnico, como consta dum honroso relatório do Conselho Escolar daquela estabelecimento de ensino. O architecto Pardal Monteiro exerce funções docentes no I. S. T. desde 1920, data em que concluiu, com as mais altas classificações, o curso de architectura na Escola das Belas Artes de Lisboa. A sua nomeação, feita agora, é a consagração justa do esforço e do estudo do grande artista que tem já uma notável obra em vários sectores de actividade e é também distinto professor.

## JORGE BRUM DO CANTO



O realizador cinematográfico que se afirmou perante o público com o seu notável filme «Cangaço da terra» e obteve os melhores aplausos com «João Ratoão», acaba de ter novo êxito com a produção «Lobos da Serra», recentemente estruada em Lisboa e Porto. Jorge Brum do Canto é um verdadeiro esteta, enamorado do Mar, da Terra e das coisas simples. Os seus filmes, com um acentuado cunho artístico, falam ao sentimento e ao carácter da gente portuguesa. A última produção, agora estruada, num momento em que a indústria toma novo impulso, é já uma afirmação segura de que o cinema português continua e o público pode confiar nele.

## PINTOR VARELA ALDEMIRA



Cuja arte acaba de obter nova consagração, com um prémio às suas obras onde palpita o talento e a alma forte dum artista. Com o pintor Varela Aldemira homenageamos, assim, esta semana, quatro figuras destacadas da vida portuguesa. Não pode dizer-se que os homens «de quem se fala esta semana» não sejam, cada um no seu campo de acção, individualidades de grande prestígio cujo nome merece bem ficar arquivado nesta secção da nossa revista.

outras trabalhos. Talvez Gamões; outro génio errante, incompreendido, talvez Álvares Cabral, o capitão descobridor de novas paragens, talvez... Mas valerá a pena dar ao Mundo novos esforços e novos entusiasmos? Merece-lo a êta, o Mundo louco e inconstante que esquece a bravura pelo bem de todos, que finge ignorar a beleza dum poema, que se não recorda das grandes obras e das grandes figuras para se dedicar apenas à luta dos interesses?

Zweig deve tê-lo pensado na sua casinha de Petropolis. A sua vida!... Uma vida, duas...

guerras, milhões e milhões de mortos, milhões e milhões de sacrificados, de solcantes, milhões e milhões gastos inutilmente. Triste destino o seu, o dos que nasceram neste principio de século. A sua vida!... Quem a escreveria? Sim, talvez ãe. Era o seu último romance, o seu último libelo contra o Mundo, o seu último drama...

Mas não soube escrevê-la. E tudo se resumiu, naquele fim de tarde quente, a uma mancha avermelhada de poente e à fuga dum alma que deixa a terra em chamas e parte com os seus remorsos, as suas recordações e as suas renúncias.



## Sapataria Versailles

### 1.ª Exposição da Época

Modelos encantadores

Vista as montas desta época

O calçado mais chic de Lisboa

PREÇOS ACESSIVEIS

R. de Santa Justa, 96

## ESCUATAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(lcs 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61	(lcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(lcs 19590)	11.00
2 RO 17	m. 15.31	(lcs 19590)	15.30
2 RO 6	m. 19.61	(lcs 15300)	20.10
2 RO 4	m. 25.40	(lcs 11810)	"
2 RO 15	m. 25.51	(lcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(lcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(lcs 7220)	"
Ondas médias	m. 221.1	(lcs 1357)	20.10
	m. 263.2	(lcs 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(lcs 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51	(lcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(lcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(lcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(lcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(lcs 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61	(lcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(lcs 11810)	"

### COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (lcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20.20 horas, e às quartas-feiras, às 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

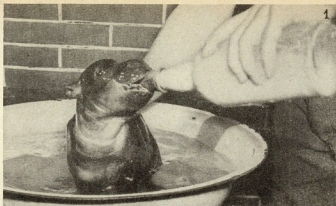
Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)



# Imagens da **ITALIA** na guerra



DE CIMA PARA BAIXO E DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Chegada a um ponto da frente dum destacamento motorizado ligeiro em operações na Cirenaica. — O general Messe, comandante do Corpo Expedicionário Italiano na Rússia, conversando com os seus subalternos. — O general Rommel visita, durante uma viagem de inspeção à Ásia do Norte, a divisão italiana «Ariete». — Soldados Italianos em operações na Rússia recebendo o seu correio enviado de muitos quilómetros de distância.



## Imagens pitorescas do Mundo



1) Um hipopótamo da Libéria, com poucos meses de idade, vive num alçóquer e é criado a «hibernar». 2) Um cão adestrado por Eddie Runce, da Califórnia, faz esta simpática habilidade: equilibra-se no plegar do seu dono. 3) Uma pata, surpreendida pela presença do fotógrafo, levanta-se de cima dos seus ovos, dos quais já saíram dois filhinhos. 4) Uma foto que engana: Parece que se trata de actualidades da guerra e, afinal, é uma cena dum filme produzido num estúdio americano sobre a retirada de Dunquerque.





MILHÕES E MILHÕES DE TONELADAS desapareceram já das frotas mercantes mundiais afundadas pelos países beligerantes. No entanto, todas as dias novas barcos saltam as águas do Atlântico, desafiando perigos e assegurando as comunicações entre os dois continentes. A foto mostra-nos um aspecto dum «combate» no meio da América, a caminho da Grã-Bretanha.